

"O mural e a arquitetura"

[Revista Acrópole, novembro de 1965].

Não é de hoje a necessidade do homem de exprimir seus conteúdos espirituais e é justamente através da obra de arte, que é a expressão mais alta da inteligência e do espírito humano, que êstes conteúdos tornam-se realidade.

No caso das artes visíveis, o muro foi e é o suporte ideal para as grandes manifestações e acontecimentos artísticos.

Tôda a grande arquitetura e mais pròpriamente a arquitetura antiga monumental, alia o espírito técnico construtivo ao simbólico informativo.

Tanto quanto o ser humano necessita de alimentos materiais para seu físico também necessita de alimentos espirituais para seu espírito.

O racionalismo com tôdas suas implicações técnicas, científicas e materiais, a um certo momento abandonou aspectos vivenciais introspectivos em prol do bem-estar coletivo e em função da máquina, deixando o homem despido das suas aspirações espirituais.

Na antiguidade o mural também representava o suporte informativo dos acontecimentos relevados a importância histórica, já que o povo sempre ávido de informações e modelos morais, via na grandeza da sua história os conteúdos perfeitos como consôlo e imitação de vida.

Hoje, com a descoberta do cinema, da televisão e dos meios de informações rápidos e de grande alcance, perdeu o mural a fundação informativa. Esta evidência passou a ser então o grande argumento dos funcionalistas para despir da arquitetura todos aspectos artísticos, segundo êles, extra arquiteturais ou decorativos. De fato, a decoração relegada a um segundo plano, passou a ser a delícia da burguesia mal avisada para corrigir os defeitos técnicos e mesmo artísticos da arquitetura, criando forma o hábito de enfeitar as paredes nuas ou ditas frias deixadas pelos arquitetos.

A pintura e a escultura no muro, de teor figurativo, passaram a ser de tal forma ecléticas, que a arquitetura perdeu o sempre ambicionado entrosamento com as artes plásticas e estas últimas seu suporte milenar.

Passaram-se décadas, e hoje, em vista de uma nova revisão de valores tanto artísticos quando morais, procuraram os artistas e arquitetos superar a crise racionalista buscando de novo o entrosamento das artes em novos moldes para a comunicação de expressões artísticas e conteúdos para as grandes massas.

Dentro destes aspectos vivos da arte contemporânea, artistas e arquitetos unidos têm encontrado por caminhos os mais diversos seu habitat de trabalho e harmonia.

Em São Paulo encontramos um dos exemplos mais felizes, que é o caso do mural executado pelos artistas Arias e Pedrazza na caixa de elevadores centrais no hall do edifício Itália, na rua S. Luiz em São Paulo, cujo projeto arquitetônico é de autoria do arquiteto A. F. Heep.

Sem violentar a arquitetura e muito menos trilhar pelo caminho do eclétismo anedótico, o mural executado pelos dois artistas realiza-se plenamente levando ao fruidor a informação dos mais variados acontecimentos plásticos. O observador sentindo-se ativado, circula pelo mural, participando em tempo e espaço diversos pelos diferentes pontos de vista, descobrindo a cada momento surpresas, o que torna objeto artístico e observador participantes de um mesmo espetáculo. "Muralismo não é quadro, nem escultura. É ativar a parede através de um acontecimento artístico, realizado com meios materiais" – são os pensamentos dos artistas, pensamentos estes que exprimem com muita clareza e honestidade do que se propuzeram a fazer, - e prosseguem:

"Desde a eleição dos materiais e seu conseqüente aproveitamento, eles já se identificam com o estado futuro. Procuramos materiais apropriados de grande durabilidade; damos-lhe alma, que é transportada ao plano real. A mensagem chega ao público através da visão, mas penetra como imagem, que dá origem a um conteúdo".

Mais do que as palavras, a obra evidencia os acontecimentos. Não há limitações, a percepção é direta e os materiais diversos tais como pedra, cerâmica, ladrilhos, canos de ferro, cacos de vidro etc., não são colocados na forma em que se encontram industrialmente como se fôsse uma colagem "ready made" no estilo dadaísta, mas são eles quebrados e recirados, recolocando uma ordem particular a todo um caso industrial, motivado pela incompreensão e o mal uso das técnicas modernas. É esta, não deixa dúvida, uma atitude moral dos artistas perante o nosso mundo.

As conquistas formais da arte contemporânea estão nitidamente presentes na obra, principalmente a participação da luz como fato criativo, pelas diversas projeções das sombras dos relêvos nos planos e buracos, resultando daí uma multiplicidade de imagens que originam no espectador, em se movimentando, as mais variadas surpresas.

Louvamos a ousadia e a originalidade de enriquecer a arquitetura brasileira de elementos artísticos, e ao público paulistano fruidor do Edifício Tália, pela felicidade de poder apreciar e participar de tão interessante espetáculo formal.

Arq. Maurício Nogueira Lima